



TRIBUNA Livre

14
SETEMBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

A renovação educativa

Alguns acontecimentos relacionados com a vida da juventude, recentemente levados a efeito, pela alta importância de que se revestiram, fizeram-nos refletir um pouco neste sério problema da educação da mocidade, sempre actual e cada vez mais cheio de interesse.

O «Jamborée» internacional do escotismo, reunido em Inglaterra, comemorativo do Ano Jubilar da sua fundação pelo benemérito da humanidade Baden Powell, que teve ressonância invulgar, constituiu um espectáculo maravilhoso de solidariedade, que deu boa lição ao mundo in-

da Juventude

quieto e volúvel de nossos dias, numa afirmação de vitalidade em que a juventude portuguesa se fez representar briosamente.

O I Congresso Internacional da Juventude Operária Católica, reunido em Roma, foi outra importante manifestação juvenil, de tal forma saliente, que chamou a atenção da juventude comunista italiana que, num cínico manifesto, a convidava a associar-se-lhe para salvação do opera-

riado universal.

A juventude católica, que tem sido traída pelo comunismo, em toda a parte, conhece bem o disfarçado «lobo com pele de cordeiro» e sabe o caminho que tem a trilhar para a conquista do operariado, sem o imprudente conselho soviético.

Ao mesmo tempo que repudia enérgicamente a doutrina ou o auxílio comunista, trava a sua batalha, caritativa e humana, precisamente para transformar esses «lobos do homem» em mansas ovelhas do Redil de Cristo.

(Continua na 4.ª página)

P.º José António Dias

Passou ontem o seu aniversário natalício, na sua residência da Póvoa de Lanhoso, no convívio da família e amigos íntimos, o nosso colaborador e eminente homem político, sr. P.º José António Dias que, pessoalmente, por telefone e telegramas, foi muito felicitado.

«Tribuna Livre» associa-se, com votos de muitas felicidades.

PROBLEMAS SOCIAIS

Com este título, publicou o sr. António Carlos Rodrigues de Azevedo, escritor e filantropo bem conhecido, um folheto em que entre outras coisas defende a necessidade de dar à Assistência possibilidades de realizar a sua alta missão.

Na defesa do seu ponto de vista escreve o autor: «O sector da riqueza nacional, que melhor pode e mais deve contribuir para a Assistência, é o das heranças, dos que morrem sem descendentes, gozando em vida a posse dos seus bens

com o mínimo de canseiras não dando filhos para a manutenção das forças armadas, em que se esteia a autoridade do Estado e, conseqüentemente, o direito de propriedade, seria justo e razoável tornar a Assistência Pública herdeira forçada de metade dos seus haveres».

Só assim, salvo qualquer milagre que não antevemos, o problema da Assistência tomará a amplitude necessária para que as necessidades dos menos

(Continua na 4.ª pág.)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Desfeito por obra e iniciativa da rude e maldosa ignorância, consta que algumas pedras, possivelmente da base, foram metidas nas escadas do tribunal; uma outra em que se via, cheia a massa de cimento, a entalhadura quadrangular, em que decerto encaixava a respectiva coluna, esteve a servir de lage do passeio por altura das antigas grades da cadeia, e parece que também lhe pertencia um bloco oitavado que aí se encontra a terminar um pequeno muro de suporte, junto das ditas-escadas.

Uma praça ajardinada e orlada nas extremidades de alguns razoáveis edifícios, com a designação toponímica de «Largo de D. Gualdim Pais», é dividida pela estrada que vai ao Gerês.

Voltado para ela, destaca-se na parte norte o monumento do herói; a rodear a base 24 escudos talhados na pedra, com o nome de cada uma das freguesias em campo aberto; gravada a seguinte legenda:

«A D. Gualdim Pais a terra de Amares».

Na parte sul da praça, um tanto recatada do centro, a antiga capela de Nossa Senhora do Amparo, que passou a servir de igreja matriz.

A primitiva, de mais vastas proporções, que se levantava ao centro da parte norte, juntamente com o presbitério, capela do Senhor dos Passos e ainda uma parcela do rico passal ocupavam e excediam dantes toda esta área hoje urbanizada.

Tudo foi desaparecendo, até que um dia, as pessoas que de todos os lados concorreram à feira, no regresso levaram a todos os cantos do concelho a notícia de que a velha igreja tinha desabado.

Retiram-se dos escombros as imagens e os altares, as pedras e as ossadas para o cemitério que fica a pequena distância, sobre a estrada, entre Amares e Feira-Nova.

Da perspectiva de que também aqui se dispunha de apropriado espaço, nasceu porventura a ideia de que se realizasse na séde do concelho, alternadamente com a Feira-Nova, o tradicional mercado das quartas-feiras que inicialmente se fez no lugar da Feira-Velha da freguesia de Carrazedo e justamente se havia transferido para nova posição, por virtude de se terem igualmente dilatado para o norte os limites do concelho, com a anexação das

(Continua na 6.ª página)

A ESTRADA DA GEIRA

vai ser submersa?

Um dos maiores valores históricos é, sem dúvida, a estrada da Geira, que no tempo dos romanos conduzia as legiões desde Braga a Astorga.

A sua conservação, precisamente devida à sua importância impõe-se na defesa dum património valioso embora diminuído por falta de carinho para com os seus valores.

Já hoje o curso daquela via romana oferece dúvida em

certos pontos devido às mutações que os terrenos sofreram através dos séculos.

Acontece agora que a estrada municipal que da Feira Nova conduz a Caires foi ampliada até Paredes Secas, terminando o troço agora em acabamento precisamente em frente da estrada da Geira a dar-nos a certeza que a continuação da dita estrada municipal vai fazer-se sobre o leito da famosa via romana.

(Continua na 4.ª página)

Feira Franca de S. Mateus, em Bouro

Conforme o anunciado no último número deste semanário, realiza-se nos próximos dias 21 e 22 do corrente, no largo do Terreiro a Feira Franca e Concurso Pecuário, na qual serão atribuídos valiosos prémios aos melhores exemplares de gado bovino, suíno e cavalar e ainda valiosos objectos em ouro, às chamadeiras de gado que se apresentem com os melhores trajes regionais.

A Comissão trabalha incansavelmente para que a Feira atinja o brilho que se pretende, organizando para tal vários números atractivos, que, estamos certos, serão de agrado geral.



ANTIGO CONVENTO DE BOURO

Do programa consta o seguinte:

Dia 21

Às 16 horas: entrada da Banda Musical de Bouro, que executa no recinto um programa do seu largo reportório.

Às 22 horas: Grande Sessão de fogo de artifício, por afamados pirotécnicos da região.

Dia 22

Ao romper da aurora, uma (Continua na 3.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Regras de Etiqueta

Num automóvel

O automóvel apesar de ser um objecto de luxo em virtude do seu preço, é de uso vulgar e quotidiano.

O lugar de honra, no automóvel, é o da direita ao fundo. A seguir, o da esquerda. O do centro, é considerado inferior a estes dois.

Em certos casos, ainda que o lugar do centro seja menos protocolar, pode-se atribuir à pessoa de mais respeito, para facilitar a conversa, a pessoa mais categorizada compete deslindar esta questão de procedência.

Um cavalheiro que se preza, cederá sempre a direita a uma senhora.

A pessoa de mais respeito é a primeira a subir para o carro e a última a abandoná-lo. Tende isto facilitar-lhe os movimentos de entrada e saída.

O cavalheiro pode estender o braço ou a mão às senhoras de idade, para as ajudar a apearem-se do automóvel.

Se o automóvel for guiado pelo seu proprietário, o protocolo fica sujeito a alterações.

Neste caso pode-se considerar o lugar da frente como mais digno.

Se o automóvel for fechado, ficarão as Senhoras juntas atrás e, à frente, os cavalheiros.

Se for aberto, pode-se colocar cada dama junto dum cavalheiro.

Se as senhoras trajam de gala, os cavalheiros

O que convém fazer este mês

MARMELADA

5 kg. de açúcar—
—10 kg. de marmelos

Partem-se os marmelos, descascam-se e tiram-se-lhes as pevides. Seguidamente cozem-se e passam-se pela peneira. Põe-se o açúcar ao lume num tacho grande com um pouco de água até ficar em ponto de reбуçado. Retira-se do lume e junta-se-lhe o marmelo, mexendo sempre. Leva-se de novo ao lume durante mais meia hora. Guarda-se em tigelas de porcelana.

GELEIA BRANCA

5 decilitros de sumo—
—920 grm. de açúcar

Põem-se os marmelos a cozer em água quanto bastar e cortados a meio sem cascas nem pevides. Coase-se por um pano de linho, sem espremer. Leva-se o açúcar ao lume com 5 decilitros de água até estar em ponto de pasta. Junta-se o sumo ao açúcar e leva-se ao lume a levantar fervura. Depois retira-se do lume, ficando assim pronta para deitar nos copos. Para esta geleia o ponto de açúcar deve estar bastante subido.

que a acompanham devem ficar em cabelo, de chapéu na mão.

Quando dois automóveis param para saudar-se, à pessoa mais categorizada cabe o direito de despedir-se em primeiro lugar.

Medicina doméstica

Emprego da água quente

—As dores violentas da cabeça cedem quase sempre à aplicação simultânea de água quente sobre a nuca e sobre os pés.

—Um pano dobrado, molhado em água quente, torcido rapidamente e posto sobre o estômago, opera dum maneira quase fantástica contra as cólicas.

—Um pano dobrado em várias dobras, molhado em água quente e torcido, depois aplicado sobre a parte dolorosa, traz um pronto alívio às dores de dentes e às nevralgias faciais.

—A água quente, tomada em larga dose, meia hora antes de se deitar, é bom remédio contra as prisões de ventre, o mesmo tratamento continuado durante alguns meses, junto a uma dieta apropriada, é também muito útil para a cura das displasias.

Limpeza

DO VESTUÁRIO

Para tirar as nódoas produzidas pelo cabelo nas golas dos casacos

Deita-se numa tigela um copo cheio de água e uma colher de sopa cheia de amoníaco líquido. Esfrega-se a gola com um pano ou toalha molhada nesta preparação e vai-se tirando a espuma formada com uma faca de pau. Repete-se a operação três ou quatro vezes, tendo o cuidado de mudar o pano ao molhar outra parte. Depois da limpeza passa-se por a gola um outro pano molhado em água pura.

Quem lava deve saber

Para tirar nódoas de vinho ou de frutas

Devem tirar-se sendo ainda recentes e antes da lavagem, porque o sabão transformaria imediatamente a nódoa numa mancha fixa e permanente.

Deite-se sal moido sobre a nódoa, e água a ferver por cima, através do pano para evitar que a mancha alastre.

Podetambém mergulhar-se a nódoa em leite a ferver durante alguns minutos.

Se estes métodos não bastam ou se a nódoa está dura e seca, deve-se ir tirando pouco a pouco.

Se se quer tirar por força, ponha-se uma pitada de ácido oxálico ou de cloreto de cal em cima da nódoa e coe-se água a ferver através do pano. Enxugue-se depois rápida e completamente. É preciso ter, porém, muito cuidado com estes produtos químicos que só se devem usar em último recurso e devem-se conservar em lugar seguro, porque são venenos muito enérgicos.

QUADRA

"Amo-te muito!" ela o disse um dia, toda gentil... Mas o dia em que e disse era o primeiro de Abril.

Deolinda Maia

O saber não ocupa lugar

Bodas de prata e Bodas de ouro

Nem toda a gente sabe de onde proveio o costume de celebrar as bodas de prata, as bodas de ouro e as bodas de diamante e qual a origem destas expressões.

Os frades e as freiras celebravam os aniversários da sua entrada nas ordens religiosas. Ao fim de 25 anos de professo usavam um anel de prata; ao fim de 50, um anel de ouro; ao fim de 75, um anel com um diamante engastado.

O anel das noivas de Cristo é um símbolo dum casamento místico, que fez dar o nome de bodas de prata, bodas de ouro e bodas de diamante às festas comemorativas do sacramento do matrimónio, a terceira das quais é fixada nos sessenta anos de vida conjugal.

Assina e propaga a «Tribuna Livre»

Lágrima pura e divina,
Lágrima pura e sincera:
Lembras-me, assim, chrystalina,
Em noites de primavera,
O orvalho sobre a bonina
Que a briza, fez desprender,
Sobre a raiz ressequida
D'um cardo quase sem vida,
Exangue e triste a morrer.

Porque me causas taes penas,
Lágrima das mais sagradas?...
Lembras-me as noites amenas,
As noites das desfolhadas,
Bellas, tranquillias serenas,
Como em nenhum lugar vez?...
Lembras-me os choupos esguios
Nas lindas margens dos rios
Do sólo e céo portuguez?...

Lágrima pura e saudosa,
Filha d'um peito infeliz;
Lembra-te a pátria formosa,
A linda terra, um paiz
Onde o cravo beija a rosa,
Em seus divinaes canteiros,
Bellos, soberbos, floridos,
Que nos embriagam os sentidos,
Sem nunca ter jardineiros?!

RECORTES

Secção de ODECAM

LÁGRIMA!...

Manáus - 1921

Por VIRGÍLIO DE SÁ

Lembras-me os campos viçosos,
Com suas rubras papoilas?
Os pinheirões tão verdosos,
O cântico das moçoilas.
Em ranchos tão sonorosos
Juntas com seus conversados?...
Lembra-te a altiva mimosa
Qual pomo d'ouro, garbosa,
E soberba, entre os silvados?

Lembra-te o sol tão doirado,
Da mesma cor dos trigaes,
Sob um céo tão azulado
— Talvez que o não veja mais —
Que em certas noites é dado
Ir a vau pelo caminho,
Onde espreita do vallado
A madre-silva, em cuidado,
De abraçar o rosmaninho?!

Lágrima, escuta, eu às vezes...
Fecho os meus olhos, e penso,
Na pátria dos portuguezes...
E, na retina, condensei
— Há tantos anos e mezes —
As hortas e os seus pomares,
As campinas e arvoredos
Vendo, e, escutando os segredos
Ditos à terra p'lo mar...

Vejo até a serrania
Com seus esfumados longes;
Ouço até a Avé-Maria
Lá d'um convento de monges;
Vejo mesmo, em correria,
Juntando o gado, o pastor;
Vejo os salgueiros leaes...
Onde chilream pardaes,
A conversar só de amor!...

Vemos aqui a grandeza,
Das matas virgens e um manto
De estrelas, cheias de b'leza!...
Mas onde está o encanto
Do manto e a fé portugueza,
Bento por nossos avós,
Fortes guerreiros de escol
A quem pequeno era o sol
Para abrigar todos nós?!

Eu nem compreendo estas fráguas
Em linguagem concisa;
Nem o murmúrio das águas,
Nem a folhagem com a briza
Fallam de amor ou de máguas
Em «trios» com o sabiá!...
Pode ser bella a Natura,
Mas não encontro a doçura,
Da Natureza de lá!...

Lágrima, pura e bendita,
Filha da minha paixão!...
Tu vaes cahir tão afflita,
Dentro do meu coração!!!...
Queres matá-lo? pobresita...
Soffre do mesmo ideal!
Pois ama o tanger dos sinos,
Os prados, montes divinos,
Das terras de Portugal!

TRIBUNA do CONCELHO

Rede de energia eléctrica

No arruado ao fundo do Largo D. Oliveira Salazar, que deriva da Estrada de Barreiros para o lugar da Lage, encontra-se um perigoso poste de madeira, carunchento e cambaleante de velhice, que sustenta alguns fios carregados de energia eléctrica, valendo-lhe o não ter já caído na via pública, a copa de uma das árvores vizinhas que, como amiga e protectora, lhe estende os seus ramos para amparar a sua velhice.

Causa-nos dó o Município continuar a exigir deste cansado obreiro, mais trabalho, dia após dia, sem o reformar, como faz aos seus funcionários quando já não podem trabalhar.

E cremos que já mais exigiu de qualquer dos seus servidores que trabalhasse tão sobre posse, tanto até

ao fim da vida como o está a fazer a este miserando pau podre, que ameaça ruína e pode tirar a vida a qualquer pessoa que no cumprimento do seu dever ali tenha de passar, na altura em que esgotados todos os recursos de equilíbrio tenha fatalmente de tombar para sempre.

E' um elemento vergonhoso, que pode pôr em cheque o brio do Município... e causar a perda de vida de algum amarense, na primeira oportunidade!

Esperamos ver em breve substituí-lo por um apurado poste de cimento, mais conforme com o decoro da vila e até, por se encontrar na embocadura de dois caminhos, adornado com uma lâmpada eléctrica.

Vida elegante

Aniversários

Hoje—O sr. Alberto António Rodrigues da Silva.

Segunda-feira — os srs. Arnaldo da Silva Tomé e Manuel Gonçalves Leite.

Terça-feira—O sr. António dos Anjos da Cunha.

Sexta-feira—O sr. Fernando António Almeida Rodrigues.

Aniversário de casamento

Na próxima quinta-feira, dia 19 do corrente, completa mais um ano de casados o simpático casal: D. Maria Isabel Barbosa de Macedo e o sr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Com os nossos votos de sinuos parabéns vai o desejo de muitas felicidades.

Para França

Após um período de férias na sua terra natal, partiu para França, na passada semana, acompanhado de sua família, o sr. Rufino de Jesus Pinheiro, natural da freguesia de Caires, deste concelho.

Antes da sua partida esteve junto de nós a apresentar cumprimentos e deu-nos a honra de se inscrever como novo assinante, pelo que lhe estamos muito gratos.

Boa viagem, e muitas felicidades, são os nossos votos.

Menor vítima de queda

Recolheu à enfermaria n.º 10 do Hospital de S. Marcos, da Cidade de Braga, o menor Júlio Cerqueira de 7 anos, de idade, filho de António Cerqueira, residente na freguesia de Goães, deste concelho, que apresentava hematoma da região parietal direita como suspeita de fractura e escoriações da face, por ter dado uma queda.

Concurso de Futebol dos "Leões da Modelar,"

Após a 1.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão, os concorrentes ao «Concurso de Futebol dos Leões da Modelar», obtiveram a seguinte classificação:

- 1.º Manuel A. da Silva, 13p.
- 2.º António Martias, 13 »
- 3.º Manuel A. Soares, 14 »
- 4.º Paulo R. B. Macedo, 15 »
- 5.º Júlio Soares, 15 »
- 6.º Manuel M. Fernandes, 16 »
- 7.º Manuel P. Janela, 16 »
- 8.º João F. Barbosa, 16 »
- 9.º Mário Ferreira, 16 »
- 10.º Alberto A. R. da Silva, 16 »

Os concorrentes, para já, são 34 ao todo. Esperamos que na presente semana, o número aumente e que os concorrentes de nome consagrado tenham melhor sorte, ou pelo menos, que o seu palpite seja mais acertado, vendo assim o seu nome entre os dez primeiros classificados.

Incêndio em Dornelas

Na freguesia de Dornelas propagou-se incêndio numas medas de palha pertencentes ao Senhor Adelino José Caldas e foram pedidos socorros aos Bombeiros Voluntários de Amares, mas devido ao Posto Público estar encerrado aos Domingos da parte de tarde, somente cerca de 1,30h, depois, foi possível chegar a mensagem do socorro à Corporação. Quando chegou a Dornelas o pronto socorro já o povo tinha extinto o incêndio. Há a registar a perda de grande quantidade de mato com um prejuízo calculado em 600\$00. A Corporação da Póvoa de Lanhoso compareceu também no local, requisitada de Dornelas em virtude do impedimento do telefone de Amares, mas também não fez serviço como a nossa.

Para o caso de o telefone público estar impedido, indica a Corporação os nos. 62113 e 62141.

Feira Franca de S. Mateus EM BOURO

(Continuação da 1.ª página)

salva de 21 tiros, anunciará o melhor dia da Grande Feira Franca.

Durante a manhã haverão recinto várias distrações e às 16 horas — terá lugar o Concurso Pecuario no qual serão atribuídos 30 valiosos prémios entre os quais 3 objectos em ouro, de grande valor, que serão atribuídos às chamadeiras de gado que se apresentem com os melhores trajes regionais.

Às 22 horas — Grande Arraial Minhoto, abrilhantado pela Banda Musical em colaboração com a Aparelhagem Sonora do Centro Comercial de Bouro, que oferecerão ao público a mais variada música do seu largo reportório, que se prolongará até cerca de uma hora, encerrando-se assim a Grande Feira Franca de 1957.

Todos a Bouro nos dias 21 e 22 do corrente.

Aproveitamos para informar os senhores concorrentes aos prémios de gado para que consultem o programa que tem exarado o Regulamento.

A. Fernandes

Bombeiros V. de Amares
TELEFONE 62113

NOVOS ASSINANTES

Por intermédio do sr. Manuel de Araújo, do lugar de Vasconcelos, desta freguesia de Ferreiros, tivemos o prazer de inscrever como novo assinante o seu irmão sr. João de Araújo, nosso conterrâneo e actualmente no Rio de Janeiro

Junto de nós esteve o sr. António J. de Araújo, de Amares, a pedir a inscrição do sr. Herculano do Nascimento Rodrigues, natural de Amares e actualmente em Lisboa, para novo assinante o que gostosamente fizemos.

Tivemos o prazer de inscrever como novo assinante, indicado pelo sr. José Manuel da Mota, o sr. Adolfo de Jesus da Mota, natural de Bouro e actualmente no Rio de Janeiro.

Do nosso estimado assinante João Machado, de Lisboa, recebemos carta a pedir a inscrição do Sr. Avelino Malheiro Veloso, natural da freguesia de Fiscal e actualmente em Lisboa.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

O Patronato de Nossa Senhora da Torre inaugurou, ante-ontem, em Esposende, a Colónia Balnear Marítima «N. S. do Sameiro»

O Patronato de Nossa Senhora da Torre, da cidade de Braga, a que preside o ilustre filho do nosso concelho sr. Dr. Cónego António José Ribeiro e no qual serve também o nosso amigo e conterrâneo sr. Albino Antunes de Araújo é uma das mais destacadas obras de assistência do distrito com assinalados serviços a bem das crianças pobres.

A sua acção diz respeito, especialmente, à freguesia da Sé, mas também, quando a necessidade o impõe vai além das suas fronteiras.

Diariamente cerca de 600 crianças dos dois sexos recebem ali educação religiosa e 200 são alimentadas.

No verão, o Patronato manda as suas crianças para a praia. Tem-no feito para casas alugadas ou acidentalmente cedidas mas agora, graças à persistência do sr. Cónego António José Ribeiro o Patronato adquiriu uma casa, em Fão, para alojar as suas criancinhas.

A casa custou 85 contos e com as obras de adaptação ficou por 150 contos e a sua inauguração verificou-se ante-ontem.

Presidiu o sr. Governador Civil do Distrito ladeado pelo sr. Cónego António José Ribeiro, presidentes das Câmaras de Esposende e Braga e autoridades locais, bem como distintas senhoras.

Numa cativante sessão soene as crianças exibiram, com muito agrado, alguns números de canto depois da apresentação feita por uma delas.

Ao «copo de água» falou o sr. Cónego António José Ribeiro que traçou a obra do Patronato, na verdade altamente digna e se referiu agradecido ao contributo prestado pelo Governo por intermédio do ex-Subsecretário Sr. Dr.

Melo e Castro, cujas qualidades enaltece.

Agradecendo as referências feitas à sua pessoa e ao Governo o Senhor Governador Civil traçou vivo, oportuno e justo ilogio ao sr. Dr. António José Ribeiro prometendo toda a sua ajuda.

A assistência aplaudiu demoradamente os oradores e por várias vezes o Sr. Governador Civil.

HUMORISMO

Solução verosímil

A primeira amiga:— Sa-be quem inventou os tacões altos?

A Segunda amiga:— Deve ter sido alguma rapariga de estatura baixa, a quem o noivo gostava de beijar de frente.

Na polícia

O comissário:— Diz você que é casado com uma senhora. Que grande coisa. Isso é o que em geral acontece a toda a gente.

O detido:— Nem sempre: minha irmã, por exemplo, é casada com um homem.

Injúria oportuna

Entre amigos:

—E por que juigas que não agradas à Luíza?

—Porque ela me disse que em todas as famílias há um tolo!

—Ora essa! E depois?

—É que eu acabava de dizer-lhe que era filho único!

ANUNCIAI
na «Tribuna Livre»

Album de coisas várias

Oito dias em Vila Real de Trás-os-Montes, para lá do Marão, foi o período de tempo mais maravilhoso e feliz que me foi dado viver nestes últimos anos. Há perto de uma dezena de anos que lá não ia, depois que lá foi pôr ponto final nas sebetas dos meus estudos secundários. Rever amigos e recantos inesquecíveis, e andar por artérias e fuzilar emolduramentos paisagísticos onde os olhos da minha adolescência se perderam em divagações e projectos pró futuro — foi um gemido de alegria que se desprende de mim para fóra como um clarão de luz em noite escura e ressequida de tempestade.

A viagem foi feita de automóvel, de Viana para lá, e eu não lhes sei dizer, leitores, e não lhes sei narrar, amigos, da beleza expressiva e frenesim espiritual que em tal percurso a natureza nos oferece, especialmente depois de Amarante, onde paramos, eu e minha mulher e meus cunhados, para desintoxicar o estômago e dar alimento ao sangue. O «Zé da Calçada» tem bons bifés, e eu perguntei ao empregado se a casa onde viveu Teixeira de Pascoaes ficava muito longe. Ele apontou para certo ponto, e eu olhei e vi árvores e céu. Ficava um tanto ou quanto distanciada, fóra das linhas traçadas pelas rodas do auto, que estava desejoso por chegar à cidade transmontana.

* * *

Por falta de tempo não visitei a casa do místico autor de *Santo Agostinho*, mas Teixeira de Pascoaes não deixou de estar presente no meu espírito durante toda a hora e meia em que permaneci em Amarante. E quando cheguei a Vila Real, com a cidadezinha toda iluminada como um festão luminescente, ainda bailava na minha memória a imagem magra e corcovada, simples e messiânica, do grande e inesquecível Poeta.

* * *

Vila Real enamorou-se do progresso e ofereceu-me uma perspectiva de notável silhueta cidadina, não obstante um ou outro edifício de características mastodónticas, como as instalações dos C. T. T., paredes meias com o Seminário e o palácio da Justiça, no topo da Avenida Carvalho Araújo. São três edificios enormes que parecem amuralhar a cidade, mas as suas posições foram perfeitamente aproveitadas dentro do conjunto e das possibilidades para tal. Possibilidades cidadinas, evidentemente. À primeira vista, aqueles três grandes edificios, dão-nos a ideia duma coisa desarmoniosa tendo em atenção o comprimento da avenida, que morre na linha onde a Câmara Municipal tem as suas instalações, ombro a ombro com o Liceu Nacional de Camilo Castelo

Branco. E essa desarmonia mais se avanta na medida em que tomamos conhecimento com a área reduzida do burgo, fortemente comercial, com estabelecimentos que nos dão a impressão de nascerem uns por cima dos outros. No entanto, rodando pela periferia da cidade, para o Piolado e avenidas marginais, por onde o progresso mais se acentua, temos que concluir que aqueles três enormes edificios simbolizam as grandes futuras realizações que Vila Real nos revelará nestes anos mais próximos.

* * *

Uma corrida pelo Circuito, todo ele renovado e de mais amplas curvas; uma horas em Constantim e um jantar nas Pedras Salgadas; uma rápida visita ao Jardim da Carreira e uns longos momentos de contemplação no mirante que fica por detrás do comitêrio velho, nos domínios da Vila Velha; um percorrer langoroso por velhas e saudosas ruas onde um pensamento algures se perdeu e um sonho se desfez, algumas horas perdidas em cavaco com o livreiro Sampaio, que mantém nas suas montras os meus *Devaneios sem Distância* (do qual ainda não vendeu um exemplar, sequer!); momentos de namoro rápido às casas que habitei e escolas que frequentei e, por fim, a fugida de tudo onde durante cinco anos de vida sonhei, sofri e fui alegre e feliz, também.

* * *

Minha querida Vila Real! Gostei de te ver. Estás mais crescida, mais adulta, talvez, mas ainda encontrei nas tuas entranhas aquele encanto e beleza, tranquilidade e poesia que me embalou docemente quando no teu seio procurei abrigo. Fostes novamente amiga, fostes novamente prazenteira. Eu te agradeço os felizes dias que me proporcionaste, a mim que a ti voltei sob as bênçãos do mais puro e do mais santo olhar daquela que Deus me destinou.

J. Monteiro (Jorge)

A estrada da Geira vai ser submersa?

(Continuação da 1.ª pag.)

Num futuro projecto, que Deus queira não esteja longe, pois a estrada municipal em questão é altamente útil e deve seguir até Covide, vai delinear-se, em seguimento do que já está feito que a estrada siga sobre o leito da «Geira».

Quem quiser saber o itinerário da estrada romana, tão falado e ainda tão obscuro, encontrará a certeza da sua passagem numa calçada de Adaufe e, depois, claramente,

A renovação educativa DA JUVENTUDE

(Continuação da 1.ª página)

Se não conhecessem já o caminho, ter-lhe-ia sido indicado por Sua Santidade, quando afirmou em sua presença: «Não há vitória sem luta, como sabeis, e as conquistas de ordem espiritual, mais ainda do que as outras, exigem renúncia, abnegação e esquecimento de nós próprios pela causa que se deseja servir».

Tivemos ainda a comemoração do XX aniversário da Mocidade Portuguesa, instituição excelente para a formação da juventude escolar.

A cultura física e intelectual merecem-lhe especial cuidado, sem descurar a formação do espírito, altamente apoiada nos mais salutaros ideais, nos princípios que exaltam «Deus, Pátria e Família».

A sadia preparação física, intelectual e moral ministrada nas Alas e nos Centros Especializados, afasta a juventude escolar dos meios viciosos, para conduzi-la à franca camaradagem dos acampamentos, por vezes evocativos dos mais transcendente feitos históricos que ilustraram a Pátria de nossos Avós, que nos foi

só no alto de Caires, no sítio em que a estrada em construção, quando for feito o seu novo troço, a virá começar a soterrar.

O problema apresenta-se para ser discutido se a estrada municipal deve seguir como tudo indica vai acontecer, sobre a Geira, ou do lado superior ou inferior da mesma poupando-a como valor histórico que representa.

Quanto a nós a solução não oferece exitação — a Geira deve ser poupada e a estrada Municipal deve seguir pelo lado superior.

O traçado da Geira dá-nos uma lição flagrante sobre o alto mérito dos romanos na rota das suas vias e por isso apresenta-se com uma suavidade impressionante.

É no aproveitamento dessa suavidade e pelas facilidades económicas que o seu traçado oferece que houve a tentação de se fazer novo sobre o velho.

Mas o velho tem de defender-se e, para satisfação nossa, pode defender-se sem impedir a construção da nova estrada.

O seu valor milenário paga bem a meia duzia de contos que a estrada nova vai custar a mais por não aproveitar o leito da existente.

E a Geira ficará como está para não complicarmos ainda mais o estudo do seu traçado primitivo. Esta deve ser a vontade do pioneiro que levou a estrada Municipal até junto da Geira e há-de querer vê-la galgar para além daquele monte que nos separa de Terras de Bouro.

legada para transmitirmos a nossos filhos.

A natação e vela, o hipismo e a aviação, a pesca desportiva e a aviminiatura, toda a gama de desportos e exercícios físicos, de que são vivo exemplo os Centros Especializados, fecunda afirmação do rejuvenescimento da raça, a par das manifestações culturais, artísticas e espirituais com que as Alas da Mocidade bafejam a juventude, conservam-lhe «alma sã em corpo sã», a melhor promessa que pôde fazer-se em todos os tempos à mocidade.

No campo doutrinário ou na disciplina física, a Mocidade Portuguesa dá belo exemplo, digno de ser seguido por toda a juventude.

Estas três instituições que acabamos de citar, sólidos pilares da educação juvenil portuguesa, encontram o franco apoio de outros três baluartes da educação: O Escola — A Família — A Igreja.

Estes agentes poderosos da educação haviam sido desviados da sua verdadeira função educativa pelas ideias demoliberais a que o nosso País não pôde furtar-se:

A escola, abalada por uma série de factores degenerativos, tendo como causa o liberalismo e anticlericalismo doentios, deformaram a mentalidade dos educandos; a escola, que devia ser um poderoso elo de ligação entre a Família, a Igreja e o Estado, falhou na sua alta missão e exercia no ânimo da juventude a nociva influência do espírito mórbido da época.

Por sua vez a família, desamparada, traída nos seus mais nobres ideais, corrompida pelo relaxamento dos costumes e pela influência, sempre decisiva, da educação escolar sem moral, despida de ideal patriótico, definhava nitidamente, entregue à sua sorte, sem o menor amparo material e moral, célula doentia num corpo moribundo.

A Igreja, combatida, perseguida e caluniada por um anticlericalismo cerrado e já quase secular, mal podendo sustentar a luta pela sua sobrevivência, era olhada como velharia, como coisa ultrapassada no mundo civil que a hostilizava e que nesta luta se traía a si mesmo, numa desorientação que só muito poucos souberam notar.

A educação da juventude foi assim abalada nas suas bases naturais, hoje dignificadas e levadas a cumprir a sua missão educativa da juventude sem se atropelarem, servindo-se mutuamente, num entendimento salutar digno dos maiores elogios.

A renovação educativa da juventude, que tem por lema a saúde do espírito e do corpo, é, como se acaba de ver, levada a efeito no nosso País

Problemas sociais

(Continuação da 1.ª pag.)

favorecidos possam ser resolvidas de maneira peremptória.

Assunto que merece ser debatido pela importância que encerra nele vive a solução para tantas coisas que não podem ser demasiadamente adiadas.

Na verdade a não existência de filhos dentro da paz que a autoridade do Estado impõe pressupõe uma felicidade que é fruto dos sacrifícios alheios.

Se essa autoridade é fruto da existência das forças armadas que por sua vez são alimentadas com o sacrifício dos mancebos, fácil se conclui que esse benefício implique uma dívida.

Acresce que a não existência de descendentes já de si atenuaria a intervenção do Estado dado que aos restantes herdeiros não é lícito exigir aquilo que dentro do normal lhes não pertenceria; de resto a herança de metade seria ainda benefício generoso.

As classes pobres são, em geral, as que têm proles mais numerosas, daí o facto de que são elas a sofrer especialmente a ausência dos seus. Dentro do espírito do autor o sacrifício trazer-lhe-ia a satisfação de que o seu património — o da Assistência — seria aumentado por força do seu sacrifício.

O autor defende um ponto de vista que segue na sua vida privada o que lhe dá a autoridade moral que poucos têm na defesa de tantas teses apresentadas.

Exercendo a benemerência com amplitude, dando em vida e preparando-se para distribuir bem no final, estende um exemplo que bem deveria ser visto por tantos e seguido por todos.

E' bem certo que por vezes uns pregam a doutrina cristã e outros praticam-na, porque muitos dos que a pregam não praticam e muitos dos que a não pregam praticam-na no seu lado para com o próximo, que deve ser o mais sensível aos olhos do Mestre.

«Problemas sociais» é mais um grito de um estudioso dado às soluções da Grei, de um coração filantropo para quem nada passa despercebido desde que o semelhante esteja em causa.

E quem desconhece a acuidade do assunto tratado? Que muitos se revejam perante a obra e os exemplos do autor.

com o carinho que merece; mas para isso foi necessário restituir as suas naturais funções educativas: à Escola, à Família, à Igreja, ao próprio Estado.

Foi esta profunda e espartosa renovação do espírito, que se deu em Portugal!

EME

A Mediacar — Telef. 62113

Bilhetes — Cartas de Angola

II

Caro Pedro Lucas:

O prometido é devido. E eu prometi, neste postal, dar começo à descrição da minha viagem até terras de África.

Como me lembro!... Foi uma quarta-feira de Junho! O dia amanheceu claro e, no céu, nem um farrapo de nuvem que perturbasse o aparecimento do Astro-Rei que, timidamente, tentava espreitar por cima da crista dos pinheirais dos montes.

Os sinos do campanário da freguesia já tinham batido, pausadamente, as Avé Marias, e tocado a chamar os fieis para a Missa.

Como estávamos no verão, o bondoso do Senhor Abade, levado por verdadeiro zelo apostólico para atender os seus queridos paroquianos, como sempre, veio cedinho para a igreja, sozinho, quer dizer, sem se fazer acompanhar do seu muito útil e inseparável pequenino lampeão, divórcio este que não suportava nas manhãs escuras, frias e chuvosas de inverno.

Sorratamente, saí da casa paterna, e eis-me a iniciar esta longa e enfadonha viagem de semanas e milhares de quilómetros... até Angola.

Alguns amigos — cireneus e piedosas mulheres — uns por devoção — outros por coincidência, acompanharam-me até à Vila e estiveram a meu lado nessa hora triste da despedida.

A camioneta "arrancou", largou a correr, apressada-

mente, parecendo censurar tal pieguice com a monotonia ruidosa do seu motor. Concorde que "tristezas não pagam dívidas", ruminava eu, a sós comigo, mas não é menos verdade o que por aí a nossa gente canta:

Adeus ó Terra Natal,
Mal de ti jamais direi;
O mundo dá muita volta,
Não sei se cá voltarei.

E, dominado e absorvido por estes pensamentos dei comigo na Bracara Augusta, tendo de Amares até Lisboa um óptimo companheiro de viagem de que te falarei no próximo bilhete-carta.

Termino desejando, aos teus e a ti também, muita saúde e a ti também, muita saúde e enviando-te um abraço daqueles que fazem estalar as costelas.

Boa-Fé, 8 de Setembro de 1957.

Gonzaga da Cruz

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quilisque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

TELEFONES MAIS UTEIS

| | |
|------------------------------------|------------------|
| BOMBEIROS V. de Amares . . . | { 62113 62141 |
| Câmara Municipal de Amares . . . | 62121 |
| Casa de Saúde de Amares . . . | 62122 |
| Delegação de Saúde » . . . | 62145 |
| Estação de Correios { Amares . . . | 62116 |
| { Caldelas . . . | 65116 |
| Farmácias { Amares | 62127 |
| { Feira Nova | 62124 |
| { Bouro | 3863 |
| { Caldelas | 65121 |
| Guarda Republicana — Amares | 62115 |
| Hospital S. Marcos — BRAGA . . . | 18 |
| Postos Públicos { Amares . . . | 62120 |
| { Feira Nova . . . | 62117 |
| { Bouro | 3867 |
| { Caldelas | 65120 |
| { Entre Pontes . . . | 7112 |
| { Goães | 3869 |
| { Rendufe | 7117 |

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre 60\$00
Ano 120\$00

Visado pela censura

RETORNO AO LAR

Ao cume da montanha eis-me chegado;
Vim sozinho, ninguém me acompanhou
Senão este bordão, fiel cajado
Que do meu corpo o pêso suportou.

Páro um instante agora; extenuado
Sentro-me à sombra desta rocha antiga;
D'aqui avisto o vale e a casa amiga
Onde passei a infância descuidado.

Há quanto tempo vai que te deixei
Ó minha linda terra onde brinquei
E sôfrego bebi teus puros ares!...

Agora, quase já no fim da vida
Depois de tão constante e árdua lida,
Acolhe-me ao teu seio, oh! minha Amares!

U E R B A

Mensário das Casas do Povo

Recebemos os números 133 e 134 desta revista, referentes a Julho e Agosto do ano corrente. O "Mensário das Casas do Povo", que durante onze anos de publicação primou pela sua pontualidade, caso excepcional em boletins oficiais, sofreu no presente trimestre um atraso devido às dificuldades técnicas que surgiram na composição e na impressão do número de Julho. Contém este fascículo o texto integral do *Projecto da Reforma de Providência* que vai ser enviado à Câmara Corporativa e à Assembleia Nacional a fim de ser transformado em lei. É um notabilíssimo documento de 40 pá-

ginas de texto e 20 mapas estatísticos, delicado trabalho que muito honra o actual Ministro das Corporações e os seus colaboradores. O número 134 do "Mensário das Casas do Povo", referente a Agosto, regressa à sua bela tradição de revista etnográfica de cultura popular, dedicada aos problemas que mais interessam aos trabalhadores da lavoura e do artesanato.

Felicitemos a Junta Central das Casas do Povo pelo reaparecimento da sua óptima revista, e agradecemos os exemplares recebidos.

Lede e assina!

"Tribuna Livre"

Folhetim da "Tribuna Livre", 37

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

— Sim, meu pai, este menino, que aqui vê, roubou-me o coração... e eu não protestei!

— Queres dizer que também não me vale a pena protestar!

— Perante os factos consumados os protestos não passam de platónicos, sem valor!

— Sim, senhora, minha filha!

Exemplar castigo, o que indicas!

E que dizes a isto, Albertina?

— Que acho melhor dar a mão... a quem tem já o coração.

— Não há dúvida do que contra factos não há argumentos, por maiores que sejam!

E voltando-se para o pretendente:

De hoje em diante, a Maria Teresa é a sua noiva...

— A minha querida e adorada noiva — exclamou o José no auge da alegria.

— E tu, minha filha — interveio a senhora Albertina — estás satisfeita?

— Muito, como nunca estive, minha querida e boa mãe, meu querido e bom pai — respondeu num sorriso de intensa alegria a linda noiva.

— Então que sejam muito felizes, que me iluminem com a vossa alegria os últimos anos da vida — disse, comovidamente, o Francisco do Monte.

— A vossa felicidade é a nossa, a minha, a de teu pai; que a harmonia reine sempre entre vós, como reinou nesta casa, desde o dia em que edificamos, com amor e paixão, o nosso lar — concluiu a mãe.

— E agora, José, podes beijar a Maria Teresa, a minha filha, a tua noiva. — sublinhou o pai.

O José não esperou nova ordem e dirigiu-se à noiva e beijou-a longa e docemente na testa.

— Ouve lá, ó rapazinho — disse com voz agaiatada a trocista pequena — tu antecipaste-te, pelo menos, dois meses...

— Cumprí uma ordem! E nunca cumprí nenhuma com tanto prazer!...

— Pois fica sabendo que nesta Praça quem manda sou eu!

— Mandaste, sim, mandaste noutros tempos!

Hoje a Praça está cercada e daqui a dois meses, mais ou menos, será atacada e não terá outro remédio senão render-se sem condições, depondo as armas.

— Valente general!

Até dá gosto de nos render-mos e de nos considerarmos prisioneiros de tão consumado estratega!

— É para que saibas, que alguma coisa aprendi na tropa.

— Se todos os soldados fossem a tua tempera não ficava uma rapariga solteira, para tial!

— Principalmente as lindas, como tu!

— Quem o feio ama...

— Não concordo com o rifão...

— Mas é verdadeiro!

— Mas não neste caso.

— Oh! Maria Teresa — chamou o pai — então tu não ofereces uma malga de vinho ao teu noivo e, já agora, aos teus pais?

— Estava a pensar nisso agora mesmo, pois já tenho, também, a lingua seca.

— A propósito — interrompeu o José — os meus pais pediram-me para convidar a senhora Albertina, o tio Francisco e a Maria Teresa, para irem lá a casa, à adega, beber, também, uma malga de vinho.

— Os meus irmãos e irmãs, cunhadas e cunhados, também lá devem ir, pelo menos assim mo prometeram.

— Sim, senhor. Vamos lá, vamos dar, ainda por cima, um abraço aos pais deste «tratante» que nos veio roubar a filha!

— Já era uma filha sem coração — disse, a rir, a Maria Teresa.

Depois de beberem fecharam as portas e seguiram para o lugar do Outeiro, para a casa dos pais do noivo.

— José — chamou a Maria Teresa — eu desejava que os meus irmãos e irmãs, bem como cunhadas e cunhados se reunissem hoje conosco na casa de teus pais, dos meus futuros sogros, neste dia de grande e justificada alegria para nós.

— Tens razão, meu amor.

Enquanto vocês segem, eu vou convidá-los e dentro do pouco estaremos todos reunidos na quinta do Outeiro.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

freguesias do de Santa Marta de Bouro.

Na prática, a medida não produziu os desejados efeitos.

Dividiram-se os partidos e os feirantes, que muitos decidiram não assentar noutra local as suas tendas, realizando-se simultaneamente um duplo mercado, a entrar em decadência que a indisciplina provoca, e só essa circunstância aconselhou que tudo voltasse ao primitivo estado de coisas.

O povo tem em tudo os seus hábitos entranhados, de que dificilmente se desvia e isto só serviu para dar origem a uma política de rivalidades que perduraram; e só raramente não causam estragos quando superiormente se lhe opõem as medidas inteligentes e salutares que o bom senso reclama e por vezes as torna propícias ao desenvolvimento das terras, se orientadas com habilidade subtilidade, redundam em despiques e competições e se ultrapassam.

* * *

No sentido crescente, a família, o casal, a paróquia, o concelho, a mesma nação, representam subunidades e unidades menores e maiores, e nelas a união a sua principal e fundamental razão de ser; e só por este princípio e teoria poderá nortejar-se um elemento imparcial, conciliador e coordenador de todas as forças vivas, quando é tempo de desagrar atmosferas de ressentimento que dificulta e tolhe de se conduzir numa só direcção as inergias e os valores, o interesse e as notáveis qualidades de bairrismo que neste caso superabundantemente existem, mas tem-se gasto na dissolvença de caprichos e de interesses mesquinhos.

Factos desta natureza fundam-se geralmente na tanchês de quem olha mais para dentro do que para fora de si; na falta de ampla visão, de mais largo alcance.

Quem se interessa verdadeiramente pelo engrandecimento da sua terra, não lhe importa que a sua grandeza e progresso se manifeste neste ou naquele ponto; membros bem articulados e associados da mesma família concelhia, a riqueza de uns comunica-se invariavelmente aos outros.

Só tem aspirações quem tem honras e brios; e, se a ninguém é dado operar milagres e apenas pode contar-se com as vantagens e os meios naturais de que toda a nossa terra é sobejamente privilegiada; se tudo redundar em proveito comum, pelo bom nome, pela justa fama e expansão de que é digna, pela sua projecção ao perto e ao longe, pela propaganda, pelo turismo que promove, por todos os meios de atracção, únicas vias ao alcance de todas as organizações, e que embora tarde, mas sempre a tempo, já começaram a trilhar-se, é fora de toda a dúvida que os benefícios que imediatamente ou a longo prazo daí podem advir, nenhuma entidade pode aproveitá-los como do seu exclusivo foro e domínio; é como a semente que se espalha aos quatro ventos e o fruto vem insensivelmente à mão de todos, amigos e inimigos, que se dispõem a colhê-lo.

Se, na sua melhor e mais pura acepção do termo, o concelho se define por uma reunião ou assembleia de povos ou indivíduos animados pelos mesmos ideais e interesses, logo daí se infere que nem sequer este nome rigorosamente deveria atribuir-se-lhe, se a sua vida, como organização, não for a síntese que resulta da perfeita conjugação de forças e energias, de todas as manifestações de vitalidade orientadas no sentido de obter-se um conjunto harmonioso e forte.

Por certo que só por esta razão e com este objectivo acordaram e se fazem sentir já ao longe os «ecos» da nossa terra, a congregar, a chamar a atenção, a entusiasmar, dentro e fora das suas fronteiras, todos os seus filhos, a estreitá-lo no mesmo pensamento, a insinuar-lhes a doce expectativa de uma visita bemfazeja, de um regresso festejado; a reclamar, sem burocracias e sem peias, para toda a parte, de um ao outro extremo do concelho, uma melhoria de condições de vida, a atizar a ideia de grandes empreendimentos; de acudir a necessidades urgentes; e é por este sistema, marcando presença, teimando, insistindo, pedindo sempre, que tudo se consegue, sem egoísmos nem ciúmes, não já para muitos de nós, mas para os que não-de suceder depois de nós.

Que não nos acobarde o arrependimento! Os antepassados fizeram, sem se pouparem a esforços, tudo quanto está à vista dos olhos e aproveita ao corpo e recreia a alma: as casas e os campos, os caminhos e as estradas, aquedutos e pontes; igrejas, santuários, monumentos; criaram tradições, romarias, motivos de bela inspiração, de poesia; ensinaram o caminho até junto de devotas ermidinhas dispersas pelo cimo dos montes onde rezavam e folgavam.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal de Vila Verde, em sua sessão ordinária de 5-9-57

Offícios

Do sr. Presidente da Junta de freguesia de Valões, pedindo o respectivo material didáctico para a escola daquela freguesia.

—Da Direcção de Urbanização de Braga, informando que foi autorizada a administração directa da construção directa da E. M. de Valdreu (2.ª fase).

—Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, pedindo para que a Câmara mande reparar a escola feminina de Parada de Gatim. Deferido.

—Da mesma Direcção, informando que a sr.a professora de Parada de Gatim, pediu a S. Ex.a o Ministro, autorização para habitar a moradia anexa à referida escola. Inteirada.

Licença para obras

A Joaquim Pereira, da freguesia de Carreiras, S. Miguel, para construir uma casa junto do caminho público.

—A Dr. Edmundo Barbosa, morador na cidade do Porto, para construir um muro de vedação à margem da estrada municipal da freguesia de Atiães.

—A Maria da Natividade Souto, da freguesia de Soutelo, para atravessar o caminho publico com uma canalização aérea.

—A José Loureiro de Almeida, da freguesia de Escariz, S. Martinho, para acrescentar um andar a um seu prédio.

Assistência hospitalar a doentes pobres indigentes

A João Baptista Fernandes, de Prado, S.ta Maria, para fazer uma operação no Hospital de S. Marcos.

—A Artur Araújo da Rocha, da freguesia de Sande, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

—A Joaquim da Cunha Fonseca, da freguesia de Turiz, para fazer uma consulta oftalmológica no Hospital de S. Marcos.

—A Rita Vaz, da freguesia de Valdreu, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

—A Rosa da Costa Rodrigues da freguesia de Prado, S.ta Maria, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

—A Isabel Gomes, da freguesia de Prado, S.ta Maria, para consultar um médico psiquiátrico.

Posto de venda de peixe

No nosso número de 31 de Agosto p. p., fizemos referência à forma como os compra-

dores de peixe se apresentam naquele lugar.

Ninguém nos ouviu!

Os sacos continuam a marcar presença e ai da dona de casa que se avalance a desrespeitar a «bichinha», por que lhe caiem em cima as *ofendidas*, queríamos dizer, sardinheiras, que é o seu título mais apropriado, evitando-as com disparates tais que até as fazem corar de vergonha.

A encarregada do posto de venda nada tem que ver com este assunto, pois a sua função limita-se apenas a vender a quem dela se aproxima em primeiro lugar.

Fazemos esta advertência por que há muita gente que lhe assaca a responsabilidade do mau funcionamento. Não é assim.

A culpa—como aqui apontamos já, cabe simplesmente às malcriadas sem educação alguma que se julgam em terreno conquistado, apesar de muitas delas usarem sapatos e vestidos de fazenda.

Oxalá desta vez sejamos ouvidos por quem de direito, para evitar que qualquer dia apareça por lá algum «tezo» que tome a dianteira aos saquinhos e se não importe com os dichotes das sem educação.

Andam nuvens no ar

De quando em vez, surgem nesta terra umas nuvens tão carregadas que nos dá a impressão de vivermos lá para os lados de Leste.

Há indivíduos que em lugar de tratarem da sua vida, passam as noites a cojitar nas maroteiras a pôr em prática no dia seguinte.

Bem sabemos que isto sucede em todas as terras e com gente de toda as categorias sociais. Mas nesta terra, são sempre os mesmos...

Pode haver alguma acalmia parecendo até, que com ela, se entra na Paz desejada.

Puro engano!...

Os indivíduos afectados, não desistem dos seus intentos; e agora, como não frequentam certos lugares de cavaco, on-

de lhes não ligam importância como até aqui, em virtude do seu comportamento desleal, vá de achincalhar tudo e todos...

O que vale é que já toda a gente os conhece!...

Pobre terra! eras digna de melhor sorte!...

Temos a certeza que tudo isto acabará desde que cada um se compenetre que Vila Verde se acautelará destes *esbirros* de levar e trazer.

Sociedade

De regresso da sua digressão pela França, Suíça e Itália, regressou à nossa e sua terra natal o nosso amigo João José Gonçalves, importante comerciante em Manaus (Brasil) — a quem os pobres e as instituições de Vila Verde, muito devem. Felicitamos este nosso amigo pela feliz viagem que teve.

—Também se encontra nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhinhos o nosso particular amigo Dr. Miguel Vilhena da Cunha, inteligente funcionário do Ministério da Economia que veio gozar as suas merecidas férias com sua família.

—Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso amigo de infância, sr. Rodrigo Vilhena da Cunha, muito digno chefe da Secção de processos do tribunal de Évora, que aqui, sua terra natal, veio passar as suas bem merecidas férias, com sua família.

Vila Verde, 9-9-1957.

D.

De visita à nossa Redacção

Acabado de chegar com sua Ex.ma esposa a esta nossa Terra, o sr. Gualter Rodrigues, prestigioso elemento da Colónia Portuguesa do Brasil e fervoroso amigo de Amares, sua terra natal, veio visitar a nossa Redacção e as instalações de «A Modelar», que o impressionaram agradavelmente.

Agradecemos a honra que nos deu.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA



A MODELAR TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

DE IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO — Amares